

O CENACULO

SUMMULA :

	PAG. :
I IWAN GILKIN, por Dario Vellozo	487
II PSALTERIO DE ASTROS, de Silveira Netto.	490
III DANS LA MORT ! por Jean Itiberê	493
IV ALMA PENITENTE, por Dario Vellozo.	499
V EXORCISMO, por Julio Pernetta	205
VI MYSTICISMO, de Romario Martins	216
VII HYPNOTISME, de Iwan Gilkin	247
VIII PSYCHOLOGIE, de Iwan Gilkin	248
IX OPHÉLIA, por Jean Itiberê	248

Outubro de 1895

—
Paraná-Coritiba

IWAN GILKIN

O CENACULO presta hoje justa homenagem ao adoravel espirito de Iwan Gilkin.

O illustre poeta da *Damnation de l'Artiste*,—diz o Dr. João Itiberê, em apontamentos que com toda solicitude nos enviou, —«nasceo em Bruxellas em 1860. Estudou preparatorios no *Instituto S. Luiz*. E' formado em Direito pela *Universidade de Louvain*. Estreou, muito joven, na Imprensa, escrevendo brihantemente nos jornaes academicos e em varias revistas litterarias. Na *Jeune Belgique*, revista litteraria de jovens escriptores belgas, é o vulto mais saliente. E' redactor do *Jurnal de Bruxelles*. Está escrevendo uma trilogia, da qual já se acham publicados os livros *La Damnation de l'Artiste* e *Satan*. Traballa em um drama—*Néron*—que vae levar ao theatro uma nova orientação, causando um verdadeiro sucesso pela originalidade com que trata o assumpto. Collabora em importantes revistas belgas e francesas. E' um Mestre consummado na arte do Verso e torna-se de dia para dia o verdadeiro Chefe da moderna eschola belga.»

Victor Silva, em estudo primoroso e concizo, ultimamente reproduzido na *Revista do Club Coritibano*, assim se exprime:

« *La Damnation de l'Artiste* é o grito doloroso de extremo desalento que vibra no coração da arte contemporanea, anathema sinistro de toda uma geração sacudida pela nevrose do seculo e que se sente afundar no vacuo de todas as crenças.

Como quasi todos os sensibilistas da arte moderna, Iwan Gilkin é um martyr da analyse consumido pelas misantropias do pessimismo ; a sua Muza transparece n'um bocejo amarello de tedio, esmaiada na sombra de um pesadelo ; a tela grosseira da vida destaca-se na opacidade de sua melancholia num frio desolamento de hospital onde se atropelam abominações de loucuras : mandibulas que rangem crispadas de dor, gritos agudos de nervos assanhados, corpos que se enrijam com funebre

regougo, contorsões bizarras de nevrose infernal, todas as hediondas pestilencias da miseria humana.

E é com o desespero dessas lagrimas misteriosas, os segredos arrepios do remorso, os rugidos das angustias solitarias que elle combina com a insana orchestração desses versos tenebrosos

Poète, j'ai noté dans mes vers scrupuleux
Ce que mes yeux aigus ont vu dans ces ténèbres.

O seo canto passa como o vento frio da morte, chorando n'um murmuro de psalmo os segredos terríveis, calados no seio do Mal.»

Perfeitamente.

Iwan Gilkin é como um flagellado cenobyta da Morte, ciliciado pelo Desalento, arrastando estoicamente um sambenito de Angustias, na funeble penitencia soturna dos exilados da Ventura...

Toda a *Damnação do Artista* demonstra com inexcedivel eloquencia essa fatalidade suprema que o cinge e aperta dolorosamente no estreito circulo de fogo das morbidas Torturas impassiveis...

A primeira pagina desse missal satanico é por si uma revelação preciosissima :

INVOCATION

Du fond d'un gouffre infect en pleurant je t'invoque,
Muse des désespoirs, Reine des insurgés,
Toi que verses la haine au cœur des affligés,
Mère du spleen bizarre et de l'horreur baroque.

Amante des bijoux, du luxe et de la loque,
Rose des paradis dans l'opium songés,
Maitresse des beaux vers par la douleur forgés,
Viens à moi dans la boue, où mon âme suffoque !

De te noires clartés je nourrirai mes yeux,
Je veux repaire en toi tous mes sens furieux
De plaisirs incréés et d'amours impossibles.

Soulé-moi de baisers ! Soulé-moi de poison !
Et jusque dans l'azur des cieux inaccessibles
Comme un soleil levant fais sauter ma raison !

Segue-se-lhe a *Psychologie*,—de uma nitidez incomparável, de uma severidade austera.

Le désir é de uma suave tristeza compassiva que emociona e apiada :

Mes regards las, sans voir l'or en fleur des jasmins,
Rêvent de cheveux d'or dont la tendresse étonne,
Et, dédaignant des lys la blancheur monotone,
Pleurent la liliale ardeur des jeunes mains.

O toi qui dois venir, viens ! mon cœur te réclame,
Mes yeux, tristes d'amour, attendent tes chers yeux.
Car la terre est si vide, et si vides les cieux !
Et rien n'offre un baiser aux lèvres de mon âme.

Toi que j'aimerai, toi qui me tortureras
Sans assouvir jamais tes douloureux caprices,
Viens ! je t'offre à genoux les mortels sacrifices
Où mon sang résigné coulera dans tes bras.

Fòra um transcrever de toda a obra, se quizesse dar as altamente symbolicas poesias que o livro de Iwan Gilkin encerra. Lembrarei, com tudo, as *Litanies*,—oração impressionista, de uma fulva originalidade perturbadora e indizível; o *Mer rouge*, *Le beau lac*, *Ave*, e o *Tableau ancien*.

Pedimos venia ao Auctor para publicar algumas outras magistraes composições da *Damnação do Artista*,—rendendo assim ao bellissimo talento de Iwan Gilkin o preito sincero de uma veneração merecida.

Releve-me o impeccável artista estas fugitivas linhas pallidas que aqui registro como a promessa de um estudo para o qual ainda me não sinto sufficientemente forte.

DARIO VELLOZO.

PSALTERIO DE ASTROS

A LAURO SCHLEDER

Noite hyernal. O ceo de astros ponteado.
Com a alma affeita ás urzes da agonia,
Eu puz-me a olhar, como um allucinado,
Brancas estrellas de uma luz tão fria.

Frio da noite é o que minha alma sente
No ergastulo do tedio, em brumas densas ;
E' o ar glaciario que nos vem fremente
Da avalanche de todas as descrenças.

A noite é como um coração enfermo,
E' uma alma viva em treva amortalhada ;
Alma que perde a fé muda-se em ermo,
Alma que soffre tanto é desgraçada.

Era de estrellas um enorme alvearco
A cupula celeste escura e goiva ;
E a Via-Lactea se estendia em arco,
Branca e rendada como um veo de noiva.

E a dolencia de um cantico magoado,
De extranha melodia e extranho rito,
Gemia pelo espaço e, atormentado,
Parecia rezar todo o infinito.

Cantavam as estrellas. Rutilante
A Via-Lactea enchia-se de nastros.
Cada estrella era um psalmo n'um brilhante
E o ceo ethereal psalterio de astros.

Ermas de risos, ermas de grandezas,
 Porque as estrellas são os magnos portos
 Onde ancorou, com todas as tristezas,
 A dor de tantos seculos já mortos.

Desde Valmiki e Homero--esses prophetas—
 Os astros, na amplidão eterna e cerula,
 Guardam no seio a queixa dos poetas,
 Como a concha no seio guarda a perola.

Attento comecei de ouvir os psalmos
 Que resoavam como a voz de um orgam
 N'um templo em festa ; e tive os gozos almos
 Que as estrellas aos mysticos outorgam.

—
 Ouvi... mas que tristeza amargurada eu tive
 Ao comprehender emfim os psalmos da amplidão.
 Havia pelo azul, em que esta lyra vive,
 Em cada estrella branca um morto coração.

Corações, cuja historia os psalmos repetiam,
 Como narra o passado a lapide da historia ;
 E a dor e o desconforto entre os astros viviam,
 E o desconforto e a dor disputavam victoria.

Dizia um psalmo : Ha tempo, ha seculos abafos
 O gemido mais sancto e o grito mais amargo,
 Que ouviram a chorar, da desgrehada Sapho,
 A Leucade medonha e o mar profundo e largo.

Outros psalmos : Em vós gritam martyres, prezas
 De trahidores hostis, de guerreiros fataes,
 Que enchem humildemente as cathedraes de rezas,
 Mostrando á humanidade a effigie dos punhaes.

Job escorrendo puz ; Agar em pranto ao ceo ;
 A magoa dos Judeos estrangeiros na terra,
 —Noite que verte sangue e onde o horror é o tropheo—
 Essa noite sinistra agora em nós se encerra.

E o luto do Calvario ; estertores do Christo ;
 Jesus, o casto e bom ; Jesus, hirto de chofre,

Sem saber, no madeiro, entre a turba—esse mixto—
Se é Magdalena ou se é Maria quem mais soffre.

Do Dante ruge em nós o desespero insano
Que elle teve no amor mais profundo e infeliz
Que pode enlouquecer o coração humano,
E que sanctificou a casta Beatriz.

Outros psalmos, na dor dos astros luminosos,
Choravam a oppressão do Erro sem lei, sem regra
Que assassinara torvo amigos, paes, esposos,
Abrindo em nossa historia uma ecchymose negra.

E aos soluços do empyreo a terra estremecia,
Sangrando corações, movendo ossadas nuas,
Em quanto a Lei, de luto, os rudes passos via
De assassinos manchando o lodaçal das ruas.

Ultimo psalmo : Eu tenho o coração de um poeta
Amou com esse amor que a loucura traduz,
Mas ferio incruenta ao desgraçado asceta
A dor de Magdalena afflita aos pés da Cruz ;

Sentia ao ver a amada a fé mais pura e extranha
Como o crente ao chegar-se á pia de uma egreja
Era tanta a alegria, a crença era tamanha,
Que a luz de tanto amor inda hoje elle gotteja.

Como Arvers elle orou no templo astral do verso
E como Arvers não foi ouvido pela sancta ;
E o templo fez-se tumba, enlutou-se o universo,
Porque o amor desgraçado á propria luz quebranta.

—
Calaram-se no azul as pallidas estrellas.
A noite retratava a minha solidão.
E eu puz-me a soluçar por ver, dolente, ao vel-as,
Entre esses corações meo pobre coração.

1894.—(Das SELVAGENS).

SILVEIRA NETTO.

DANS LA MORT !

A mon confrère Dario Vellozo

I

Aux sons d'une marche à l'harmonisation troublante, ayant quelque peu de souffrance dans les accords prolongés et dissonants, le cortège nupcial s'avança vers l'or des chasubles, étincelant, la bas, dans les lumières, comme un couchant de soleil au milieu des nuages d'encens, bleus comme des rêves et fuyant comme des chimères.

Le duc de la Ferrière épousait M^{elle} Clotilde d'Hervilly. Tous deux très jeunes et beaux comme un couple de dieux recevaient la bénédiction du ciel des mains tremblantes et paternelles de l'Officiant, le vieux curé de la Madeleine.

Et comme de vrais amoureux, ivres de solitude et d'intimité, partaient immédiatement pour leur château d'Eyguières, dans la Provence ensoleillée et poétique.

II

Six mois d'extase absolue, d'ivresse suprême, passèrent. Ils vivaient l'un pour l'autre, ils vivaient l'un de l'autre, dans un oubli superbe du monde et de toutes les choses.

Unis dans leurs caresses puissantes, ne faisant plus qu'un seul être, les lèvres sur les lèvres, ils étanchaient leur soif d'amour dans la coupe de leurs bouches. Ils se grisaient de toutes les sensations divines et de tout l'impossible du bonheur humain.

On les voyait, entrelacés, parcourir, en des tête à tête mystérieux, les allées sombres du château, ne se parlant que des yeux, dans un langage muet, plein de rayonnements.

Et comme si toute cette tendresse énorme, cette vie ardente de volupté, fussent mortelles, un soir, dans ses bras, elle laissa tomber sa tête, si pâle, si pâlement belle, avec un si plaintif soupir et un regard tellement mouillé d'invisibles pleurs et voilé de désespoir qu'il en trembla...

Il la prit sur sa poitrine, comme s'il voulait l'envir dans son cœur. Approcha sa bouche du visage adoré, un visage d'ivoire, impassible, avec des yeux grands ouverts et vagues.

Il l'appella longtemps d'un remuement nerveux des lèvres d'où ne s'échappait aucun son.

Le silence...

Il palpa son cœur. Plus rien !

L'immobilité...

D'un mouvement fou il la prit et l'emporta vers le lit. Ses doigts tremblants défirerent le corsage de soie et de dentelles et sur la blancheur de la poitrine à nu il appuya sa tête anxiuse...

L'immobilité, toujours ! La mort...

Elle était morte dans un baiser et s'était envolée sur l'aile de son rêve d'amour vers l'invisible et le mystère.

III

On embauma le corps de la duchesse de la Ferrière.

Elle dort maintenant de l'éternel sommeil, vêtue de sa blanche robe de fiancée en vieux point d'Alençon, la couronne ducale en perles sur le front, couchée doucement sur de la soie neigeuse et des coussins brodés d'or, dans le caveau de marbre, monumental, du château d'Eyguières.

Elle dort véritablement d'un sommeil mystérieux, et sa bouche de volupté, teinte de nopal, fleurit dans un sourire amoureux, comme une fleur de pourpre sur de la neige.

Véritablement elle vit, la duchesse, d'une vie sans mouvement et sans paroles, d'une vie nouvelle parmi la froideur des marbres et l'immobilité des choses...

Et lui, son époux, subitement vieilli dans la douleur sans nom de sa perte et le cœur jeune toujours cependant de toute la fougue de leurs amours, continue de l'adorer, assis auprès d'elle dans le caveau silencieux.

Par les nuits claires et embaumées, il la prend dans ses bras et quittant le lit de soie neigeuse et les coussins brodés d'or, il la promène dans les allées sombres du château, serrée sur son cœur dans une étreinte folle de passion.

Et les blancs rayons de lune tombant sur le visage pâle de la morte lui prêtent une vie surnaturelle, une vie de convalescent échappée d'une douloureuse maladie.

Et ils ont entre eux des entretiens muets, de longues conversations sans paroles, dans un langage de mystère et d'illusion.

O CENACULO



IWAN GILKIN.

Assis sur le banc rustique de bois, au fond de l'allée touffue et dorée de clair de lune, le duc la tient, immobile, sur ses genoux, ainsi qu'une pâle statue de chair, une épousée rêveuse à jamais, plongée dans une infinie extase, dans un enchantement irrémédiable.

Tendrement il la berce comme une frêle enfant malade et la voyant éternellement endormie en sa robe blanche de mariée, il rêve, tout en la contemplant d'un regard noyé de tristesses mornes.

Oh ! l'exil de leurs âmes... Où peut bien être l'âme de Clotilde ? Dans quelle région de l'espace éblouissant ou ténébreux ?

Le froid de la nuit les faisait rentrer dans le caveau.

De nouveau étendue sur son lit de soie neigeuse et sur ses coussins brodés d'or, la duchesse sommeillait.

IV

Toutes les lampes allumées jetant une clarté vive sur la morte.

Le duc, debout, la regardait.

La chevelure de Clotilde, une royale chevelure d'ébène déroulée comme un sombre manteau, tranchait sur la blancheur et l'or du lit.

La couronne de perles entourait sa tête ovale et gracieuse et la coiffait comme une reine des ballades antiques.

Les paupières fermées mettaient une ombre sur la pâleur du visage et les lèvres seules, teintes de nopal, brillaient comme une fleur étrange et sanglante. Un vague sourire animait sa bouche. Sa belle poitrine d'amoureuse semblait se soulever par instants parmi le flot de dentelles du corsage. C'était une illusion de vie sans doute.

Le duc déjà plusieurs fois s'y était trompé.

Mais non, voilà qu'elle lui tend les bras, ses yeux se rassurent, sa bouche sourit.

Elle se dresse lentement et l'attirant vers elle l'entraîne sur le lit de soie neigeuse...

Il s'y étend à ses côtés. Serrés dans une suprême étreinte, ils demeurent unis dans l'immobilité dernière par leur extraordinaire amour et leur passion mortelle !

NA MORTE !

(João Itiberê)

I

Aos sons de grandiosa marcha, de uma severa harmonização emocionante, fremente nos accordes prolongados e dissonantes todo um vago soffrer indefinivel, o cortejo nupcial adiantou-se para o ouro das casulas, fulgindo entre as luzes, lá em baixo, como um poente de sol entre nuvens de incenso, azues como sonhos e, como chimeras, fugitivas.

O duque de la Ferrière espozava M^e.^{llº} Clotilde d' Hervilly. Ambos jovens e bellos, como dous deoses esposos, recebiam a bençam celeste das tremulas mãos paternas do Officiante, o velho parocho da Magdalena.

E, como verdadeiros enamorados, ebrios de solidão e intimidade, partiram logo depois para o castello d' Eyguières, na Provença, limpida e poetica.

II

Decorreram seis mezes de extase absoluto, de embriaguez suprema. Viviam um para o outro, um do outro, em soberbo esquecimento do mundo e de todas as cousas.

Unidos em voluptuosas caricias violentas, eram como um só ente, os labios nos labios, mitigando a sede de amor, na taça de suas boccas, na soffreguidão insaciavel de todas as sensações divinas e do impossivel todo da felicidade humana.

Sempre se os via, enlaçados, em intimas confidencias misteriosas, percorrer as sombrias alamedas do castello, apenas se falando com os olhos, em lingoagem muda, cheia de irradiações deliciosas.

E, como se fosse mortal toda aquella ternura enorme, toda aquella ardente existencia de voluptuosidade,—uma tarde, nos braços do esposo, Clotilde pendeo a cabeça, tão pallida, tão pallidamente bella, com um tão lamure suspiro e um olhar tão humectado de lagrimas invisiveis e velado de desespero, que o duque estremeceo...

Attrahio-a contra o peito, como se almejasse engastal-a no coração. Acheou a bocca ao rosto adorado, um eburneo rosto de marfim, impassivel, com dous grandes olhos abertos e vagos.

Chamou-a, chamou-a por muito tempo, longamente, com um imperceptivel borborinho nervoso dos labios crispados pela angustia...

O silencio...

Palpou-lhe o coração... Nada mais!

A immobilidade...

Desvairadamente, apertou-a muito, e a levou para o leito. Seos dedos tremulos desabotoaram o rendado corpinho de seda; e apoiou sobre a alvura do seio a tremula cabeça an- ciosa...

A immobilidade sempre!... A morte...

A duquezade la Ferrière extinguira-se num beijo, evolan- do-se para o Invisivel e o Mysterio na aza de seo sonho de amor...

III

Embalsamaram-lhe o corpo. Dorme eterno o derradeiro somno, amortalhada em seo vestido branco de noiva, ornado de custosas rendas de Alençon, á fronte a coroa ducal de perolas, estendida cuidadosamente em nevosos flocos de sèda, entre almofadas bordadas a ouro, no magnificente sepulchro de marmore do castello d' Eyguières.

Dorme verdadeiramente, de um sonno mysterioso; e a boca, tingida de nopal, desabrocha em sorriso amoroso, como uma flor de purpura sobre neve.

Como que vive, a duqueza, uma existencia sem accão e sem palavras, uma nova existencia,—na algidez dos marmores e na immobilidade das cousas...

E o esposo, subitamente alquebrado pela dor sem nome de seo isolamento, sentindo com tudo o coração sempre moço, no arrebatamento da paixão, continua a idolatral-a muito, assen- tado junto della, no sepulchro silencioso.

Por limpidas noites amenas, abandonando o leito de sèda nevosa e as almofadas bordadas a ouro, elle a toma nos braços e com ella passeia nas sombrias alamedas do castello, unida a seo coração num vehemente amplexo de amor violento.

E os niveos raios da lua, esbatendo na pallida physionomia da morta, dão-lhe uma existencia sobrenatural, um renascimen- to de convalescente salva a uma dolorosa enfermidade.

E conversam intimamente, caladamente, longas palestras sem vocabulos, em uma lingoagem de illusão e de mysterio.

Assentado em banco de madeira, rustico e desgracioso, no extremo de frondosa alameda, dourada pelo luar, o duque sustém Clotilde, nos joelhos, immovel, como uma pallida estatua de carne, uma esposada scismadora para todo o sempre, para todo o sempre embevecida em extase infinito, em perpetuo encantamento sem termo.

Embala-a ternamente como o faria à debil creaça enferma, e, vendo-a eterno adormecida, envolta no vestido branco de noivado, medita, contemplando-a,—o olhar merencorio repassado de dolentadoras tristezas taciturnas ..

Oh ! o exilio de suas almas... Onde estaria a alma de Clotilde ? Em que região do espaço deslumbrante ou tenebroso ?

A frialdade da noite fazia-os reentrar no sepulchro.

De novo estendida no leito de sêda nevosa, a duqueza dormia reclinada em as almofadas bordadas a ouro.

IV

As lampadas esbatiam na morta vividos reflexos.

O duque, de pé, contemplava-a.

A cabelleira de Clotilde, uma real cabelleira de ebano, se destacava soberbamente da alvura e do ouro do leito, desen-nastrada, como um brial sombrio.

Diademava-lhe a graciosa cabeça oval a corôa de perolas, tocando-a como uma rainha das balladas antigas.

As palpebras cerradas punham uma linha severa na pallidez do rosto ; e somente os labios, tingidos de nopal, brilhavam como uma extranha flor sanguinolenta. Animava-lhe a bocca um vago sorriso vaporoso. O bello seio de amorosa como que palpava momentaneamente por entre os flocos de renda do corpiño. Era, sem duvida, uma illusão de vida.

O duque, por mais de uma vez, já se havia illudido.

Mas, não ; a morta extende-lhe os braços ; fulgem-lhe os olhos ; sorri...

Ergue-se lentamente, lentamente, attrahindo-o, arrastando-o para o leito de sêda nevosa....

O duque se extende ao lado da esposa. E, cerrados estreitamente em um superno amplexo, ficam, por tão extraordinario amor e tão mortal paixão, unidos para todo o sempre na suprema immobilidade da morte.

ALMA PENITENTE

CANTO VII

To be, or not to be ?
Shakspeare—Hamlet.

Poeta que te vaes para a Illusão Suprema,
Ciliciado como um penitente,
Porque encerrar no esquife de um poema
O cyrio azul de uma paixão latente ?

Abre ao luar da Noite a alma deserta
Como um tugurio abandonado,
Rompe o cilicio que te aperta
O coração de asceta flagellado.

Reza a oração do anachoreta
Que se desprende da existencia
E parte os elos da calceta
Dos flibusteiros da Innocencia...

Volve ao caule aromal de tua estrella branca,
—Olhar de luz de anjo que chora,—
E de tua alma o dardo arranca :
—O Ceo te escuta e as magoas te deplora.

A Terra é o carcere do Sonho...
O Amor é o philtro da Illusão...
O amor humano mais risonho
Não vale uma hostia da Amplidão !...

Somente o Ceo destilla o aroma
Das affeições immorredouras...
—A hostia do Azul nos labios toma,
Anachoreta das saudades louras !...

Por toda parte a que te leves
 Encontrarás soluços e gemidos,
 Echos feraes das alegrias breves,
 Estertores de symbolos partidos...

A caravana lugubre da Terra
 Tropeça e cae como o Judeo maldicto...
 E a dor humana entre sepulchros erra,
 Espectro que se abysma no Infinito.

A dor humana é uma eclosão do Riso...
 Nasceo num seio de donzella casta...
 E' como um fulvo e funerario aviso
 Que a Morte vibra e na existencia arrasta...

E' como o echo das angustias mortas,
 Repetido por bocca de esqueleto...
 Subio do Abysmo ás fulgidas retortas
 Em que a Treva gotteja a alma de Hamleto.

Hamleto!... Um peregrino da Loucura...
 Um torturado,—um flagellado,—um morto!...
 Ei-lo que passa,—a triste creatura!—
 Sem o lyrio de um beijo ou de um conforto.

1

—A Vida é um sonho... A Morte é um Sonho... A Luz é um psalmo
 Com que a Esperança enflora as almas dos Vencidos...
 A Treva envolve sempre os Symbolos partidos
 Quando as azas do Amor nos tumulos espalmo...

Sou o espectro feral das Duvidas Supremas...
 Sempre que me projecto em cima de uma lousa,
 Freme a Angustia e desperta a ossada que repousa,
 Para a roxa eclosão dos lugubres poemas...

A ephialta da Crença é uma abantesma loura...
 —Que astro da Sepultura os maosoleos redoura
 Quando a Recordação minhas scismas desperta?

Que Anjo pallido e triste o coração me cinge,
 Se interrogo a Amplidão com meos olhos de esphynge,
 Se osculo o sitial de uma estrophe deserta ?...

2

Acompanha-me a sombra, a sombra de uma sancta.
 —Luz da Aurora, que importa o cariz do Poente ?
 Luz da Aurora, que importa este luar silente
 Que os sepulchros conversa e nos cyprestes canta ?

Luar da Paz... Luar da Morte... Astro innocent
 Que desenrola, á noite, os brancos veos de monja...
 Não medra em coração de asceta penitente
 A promessa do Beijo e o psalmo da Lisonja...

Ouço a alma do Luar nas folhas do salgueiro...
 Sinto o acerbo pungir de um pezar sempre occulto...
 Sou da Crença e da Morte o severo coveiro...

Abro as covas do Amor nas ruinas do Culto,
 Enterro em cada cova um sonho derradeiro,
 Em cada coração um coração sepulto.

3

Desperta, coração !... Meo coração é morto !...
 Envolve-o longamente alva mortalha branca...
 Gelo, talvez !... Neve, talvez, que o Flagello me arranca
 Quando á Sombra supplico o punhal de um conforto.

Atormentado heroe !... nobre heroe invencivel,
 Indomito e leal como um guerreiro ousado !...
 Atravessou-te outrora o gladio envenenado
 De uma injuria cruel, deshumana e terrivel.

Succumbiste, afinal !... Descança, peregrino !...
 Ninguem pode vencer a dextra do Destino,
 Contra a morte do Amor ninguem pode luctar.

Ophelia,—eu seguirei o rastro de teos passos,
 Eu me irei sepultar na pyra de teos braços,
 Monje que se ajoelha ante a effigie do altar.

—Como doe !... como esmaga esta tortura immensa !...
 Não podel-a amplexar, como a amplexava outrora,
 E sentil-a gemer do meo amor suspensa,
 —Lyra presa ao salgueiro, ao despontar da Aurora.

Lyra do bardo do deserto,
 Junto ao salgueiro do Infortunio
 Eu te osculo, chorando, e nos braços te aperto,
 Ao vago olhar do Plenilunio.

Eu te osculo, chorando, as fibras gemedoras,
 Eu, chorando, te aperto a meo peito de monge...
 Na tua alma perpassa a alma das Leonoras,
 E os psalterios do Ceo, tão distante e tão longe.

Ophelia,—uma alma de creança
 Harmoniosa como um som de lyra ;
 Luar da Estrella da Esperança,
 Engastada num trevo de saphyra.

Desventurada amiga !
 Candida e bella, vaporosa e pura ;
 Parecia dormir na sepultura,
 Emmoldurada numa tela antiga.

Hoje vejo-a passar nas minhas scismas
 Como um silente raio de luar,
 Na celagem feerica dos prismas
 Desbotoando um carinhoso olhar...
 Hoje, sinto-a pousar junto a meo lado,
 Nos ternos olhos um carinho doce,
 Illuminando todo meo passado,
 Como se a estrella dos sepulchros fosse.

—Bemdicta seja essa tortura mansa
 Que te approxima a encantadora amiga,
 E dá-te a meiga e pallida creança
 Emmoldurada numa tela antiga !...

Hamleto, a minha angustia é mais austera,
 A minha desventura é mais profunda :

Nunca mais um luar de primavera
Virá dourar-me esta prisão immunda.

Nunca mais!... Nunca mais o luar de seo rosto
Se virá projectar no espelho de minha alma!...
O mysterio da Morte azas de luto espalma
No sombrio cariz do primeiro desgosto...

Nunca mais!... Nunca mais o psalterio de um beijo
Ciciará na estrophe as suas preces mansas;
Nem medrará jamais o lyrio de um desejo
No alvo horto angelical das louras esperanças.

A ephialta da Angustia arrasta o sambenito
Das torturas do Alem, dor nirvanas da Rima...
E eu me sinto morrer, sacrilego e maldicto,
Sem as consolações do Carinho e da Estima.

Só... dobrando a cerviz ao guante da Loucura,
Amarrado ao grilhão de uma paixão sem termo...
Cavando—eu mesmo—o leito á minha sepultura,
Amortalhando—eu mesmo—o coração enfermo.

Só... abrindo á Saudade o fulgido hostiario
Das lagrimas feraes de uma illusão perdida;
Aos cyprestes rezando um triste breviario
E o acerbo ritual de toda minha vida.

Entretanto, Poeta, a negra sombra esqualida
Dessa angustia, que eu sinto amortalhar-me os dias,
Não reflecte o perfil na sua face pallida,
Nem suspende a eclosão de suas alegrias.

A grinalda que cinge os seos cabellos de ouro
Se purpurejará nas tintas de um poente...
E sequer saberá que perdera um thezouro,,
Ao delicado alvor de uma emoção latente!...

Nunca mais!... Nunca mais!... Seja maldicto o verme
Que no corpo lhe abrir uma rubra ecchymose,
E a essas carnes que amei e a essa branca epiderme
Rasgar,—nas convulsões de esvairada nevrose!...

Ao intimo luar de seos olhos amados,
 Nunca mais !... nunca mais palestrará commigo !...
 E eu terei na minha alma o espectro de um jazigo
 E o cilicio brutal dos monges torturados.

—Poeta, a Dor é toxico funesto,
 Tresvaria a razão das almas ternas.....
 Oh ! não exhortes o aleivoso incesto
 E o torpe aviltamento das tabernas.

Não profanes o immaculo sacrario
 Das tuas preces e das tuas dores ;
 Só o Ceo nos aponta o itinerario
 De nossos mais reconditos amores.

Expia as tuas faltas de precito
 Com resignada mansidão de crente,
 Cinja-te, embora, o negro sambenito
 Da angustia mais acerba e mais pungente.

Aguarda o julgamento derradeiro,
 Alma voltada para a Desventura,
 E o lyrio branco do perdão primeiro
 Florescerá na tua sepultura.

— Hoje, vejo-a passar nas minhas scismas,
 Como um silente raio de luar,
 Na celagem feerica dos prismas
 Desbotoando um carinhoso olhar.....
 Hoje, sinto-a pousar junto a meo lado,
 Nos ternos olhos um carinho doce,
 Illuminando todo meo passado,
 Como se a estrella dos sepulchros fosse.

22 — Agosto — 1895.

DARIO VELLOZO

EXORCISMO

(Costumes Paranaenses)

I

O Vadòsinho gastara a rosea mocidade a ensinar meninos, e essa recordação, de um passado ja longinquo, enche-o de orgulho, dilatando-lhe a alma encarquilhada e velha.

Elle, que nascera no fundo de uma villa pobre, obscuramente esquecida n'uma esplendida e exuberante collina, risonha sempre, sempre florida, como se a primavera alli cantasse eternamente,—mas onde tambem santas aspirações nascem e morrem sem o baptismo sagrado das realisações,—fòra um dia surprehendido por seo pae, que reunio toda a familia, que tambem como elle, desconhecia a causa d'aquella reunião secreta.

A principio olhavam-se, n'uma interrogacão pasma e misteriosa, sem nada comprehender, perspectivando lutoosa noticia, conjecturando intimamente os mais recentes factos, até que seo pae, o velho Ibrahim, contrahindo o sobreolho n'um rictus de severidade, desfranzio os labios, grasnando uma voz rouca e cançada :

—«Vadò, hoje fui chamado pelo compadre Tótó, e d'elle tive a boa nova que foste nomeado, pelo governo, mestre escola d'aqui da villa. Agora é preciso ver o que fazes. Desempenha o teo cargo de modo satisfactorio para tua familia, e para aquelle que nos protege.

Vê lá, Vadòsinho, se entras na vida com opé direito ; vê lá !»

A familia se dispersara pelo interior da casa, *pererecando* n'um contentamento enluarado em sombras de tristezas ; porque, apezar de ignorante, ella tinha a intuiçao, que é o patrimonio das almas simples : realizar um ideal é a maior de todas as infelicidades.

O Vadòsinho, de imaginação mais poetica, leitor assiduo das *Primaveras* de Casemiro de Abreo, se deixou ficar ainda, por longas horas, n'um extase de sonho, n'uma especie de saudade vaga, de recordações vaporosas que nos despertam os dias luminosos, vistos atravez das vidraças, dias tão suggestivos de triste-

zas, tão profundamente melancholicos, como se o bando funebre das almas torturadas vagasse errante, enchendo o mundo d'uma tristeza desoladora e afflictiva, enchendo o espaço com a liturgia somnambula dos gemidos.

A lembrança de que se ia realizar o seu supremo ideal, deixava-o nervoso, cheio de uma anciedade, de um alvoroço que se não pôde explicar.

— «Eu, mestre escola ? não creio. Parece-me um sonho, riem-se da minha mais santa aspiração ; como são crueis ! . . . » E, com o olhar perdido no espaço, sem ver nada do que via, recitava à meia voz :

O Vadòsinho estava incomodado ; percorria a sala em todas as direcções, repetindo sempre, cheio de alegria duvidosa :

— «Eu, mestre escola, eu, mestre escola !» como se quizesse corporizar essa ambição ardente da sua alma.

Dias depois, o Vadòsinho, rodeado da familia, lia o officio que trazia a sua nomeaçō para o cargo de mestre escola da villa.

Foguetes estrugiram no espaço, a villa engalhardou-se como nos dias de festa do seo padroeiro.

O Vadò, mettido n'uma fatiota nova que mandara fazer para assistir o casamento do Zéca Duarte, recebia as felicitações de todo o povo que, reunido em frente á casa, quebrava o silencio religioso dos dias de trabalho com a algazarra de expressivos *viva nho Vadô, viva o mestre da escola d'aqui.*

E essas recordações ainda lhe enchiam a alma de uma grande saudade dolorosa. Ouvia ainda perfeitamente, distintamente a voz d'aquelle povo acclamando-o n'uma ovação de entusiasmo ; porque elle ia ser o mestre dos seos filhos.

Bòa gente, bòa gente d'aquelle tempo hoje quasi desapparecida com seos paes na voragem fatal do cemiterio.

É para lembrar esse passado encarquilhado e velho como a

sua alma, o Vadôsinho reunia todas as noites a familia que o escutava cheia de respeito e de admiração.

Depois iam-se todos para roda do fogo, onde a cangica fumegava deliciosamente n'uma panella de barro.

Sua mulher, a velha Josepha, occupava-se em distribuir a rapadura pelos nettos, com muita egualdade, para evitar conflitos ou orquestração de soluções, o que quasi sempre acontece n'essas ocasiões ; porque o pedaço que coube ao Jango foi maior, que ella quer mais bem áquelle do que a este.

Acabada a merenda, começavam as historias de lo-bis-homem, boitátá, almas de outro mundo, terminando quasi sempre o serão em panico geral. Até o velho Vadò, de vez em quando, olhava para os lados desconfiadamente, arrastava o *cepo* mais proximo do fogo, tiritando, como se o sopro gelido de alguma alma o incomodasse.

A velha Josepha, que geralmente começava as historias, era a primeira a pedir que não contassem mais, porque depois as creanças não podiam dormir ; que era melhor falar em *cousas* mais alegres e deixar os mortos em paz.

E, n'um assomo de coragem, erguia-se para ir buscar lenha no quintal; mas voltava da porta, gritando que uma mão fria lhe puxara os cabellos e vira uma alma correr arrastando um lençol branco, muito grande, muito grande.

— «Vamos, vamos deitar, Vadò ; isto assim não serve, depois as creanças não podem dormir.»

O velho Vadò que já cochilava, quando sentio a mão da mulher tocar-lhe o hombro, deo um salto, e, esfregando os olhos :

— «Não viste, Josepha ? não viste como me apertaram a garganta que nem podia respirar?... Quiz gritar, não pude ; vamos, vamos, Josepha ; acho melhor irmos pousar para a casa do compadre Faustininho ; isto aqui está como o diabo.»

— «Cruzes, não diga isso, Vadò ; creio em Deos padre, você ainda chamando esse feiticeiro! Cruzes, cruzes, *manifica!*»

E ambos, joelhos em terra, muito unidos, persignavam-se trez vezes, em cruz, para afugentar os maos espiritos que os perseguiam.

II

O dia vinha cantando o hymno triumphal de uma alvorada sadia, pela garganta dos passaros. Em casa do Vadò tomavam o *chimarrão* á roda do fogo crepitante, alegre como quem desperta vindo de viagem feita em sonho ao paiz phantastico das fadas.

O velho Vadò, a fronte vergada sobre o peito, scismava nas almas *doutro* mundo, n'aquelle mão fria que lhe puxara o cabello ; e por sua imaginação desfilava todo um cortejo funebre de superstições. Lembrava-se de um cavallo sem cabeça que ás sextas-feiras á meia noite corcoveava no pateo da Egreja; das serenatas das bruxas no cemiterio, que seo fallecido pae sempre contava que vira ; e estremecia de vez em quando, como se estivesse ante a pavida realidade.

A superstição faz parte da crença religiosa do nosso caboclo ; elle ouve, à roda do fogo, essas narrativas contadas pelos paes e as transmitte aos filhos ; e assim vão, de geração em geração, correctas e augmentadas como os *Almanaks* de noticias.

Não ser supersticioso, é não crer em Deos.

O caboclo vê nas menores cousas o prenuncio de uma fatalidade. Se lhe passa por sobre a casa o *thesoureiro* zirrando a cauda em V, é que no céo se talha uma mortalha para alguma pessoa da sua familia.

O velho Vadò ainda tinha a fronte vergada ao peso das funestas recordações, quando no portão da mangueira uma voz rude e forte bradou :

—«O' de casa !»

—«Seja bemvindo, entre quem é !» respondeo a velha Josepha com a alma illuminada por um raio de dulcificadora esperança. Era o Zéca Duarte, que o velho Vadò mandara chamar para lhe relatar os factos antecedentes.

Depois de palestrarem muito sobre o caso, ficou resolvido —por lembrança do Zéca Duarte—que elle mesmo iria buscar tio Chico, o feiticeiro, muito conhecido de todos pelo terror que inspirava, graças aos seos grandes triumphos no mysterio do exorcismo.

III

Tio Chico, o feiticeiro, era o terror, o assombro do povo do *Caqueguéra*.

Quando elle passava, um velho pala de algodão enfiado,—o arco-iris das listras quasi consumido—um chapeo de palha gasto pelas hinvernias rispidas, as barbas brancas ancestralmente esparramadas sobre o largo peito, um murmurio de pavor borborinhava em torno, de labios que se crispavam n'um rictus extravagante de momos, como se fòra o espectro da morte que por alli passasse.

E, no emtanto, todos o queriam muito.

No *Caqueguéra* nada se fazia sem a sua approvação.

E o velho feiticeiro, como se nada presentisse, passava por entre aquelle povo dando os *bons dias* a uns, abençoando outros que se lhe acercavam, beijando-lhe as magras e nervosas mãos.

Por vezes abria um *bocó*, que costumava trazer a tiracolo, e d'elle tirava uma caixa com tabaco, aspirava uma forte pitada, accendia o cachimbo de barro, já quilotado por longo tempo de serviço, e la se ia, matto afora, á cata de hervas medicinaes.

Depois de uma busca minuciosa pelos mattos e vargedos, colhendo aqui as folhas verdes de uma planta, excellente contra veneno; alli, a raiz de uma arvore secca, para *humores tyro* e queda, voltava, atalhando caminho pelos *carreadores*. A' tarde, ao regressar á casa, quasi sempre trazia um grande feixe de hervas á cabeça, como um Deos velho coroado de *pampanos e parras*.

As creanças lhe corriam ao encontro para descansal-o da carga, recebendo como recompensa a benção tremula do velho feiticeiro.

O laboratorio therapeutico dos sortilegios diabolicos do tio Chico era uma especie de museo, cheio de curiosidades, prateleiras com alguns vidros bojudos, onde enormes jararacas, cascaveis, cobras d'agua, enrodilhadas dormiam, n'uma enfusão de espirito de vinho, o somno dos inertes; uma variedade enorme de insectos, alfinetados pelas paredes de taboa; frascos com liquidos de diversas cores; a um canto um oratorio aberto, sobre uma meza, deixando ver ao fundo, illuminado pela luz triste de uma lamparina, algumas imagens descarnadas e anemicas, de velhos santos da devoção satanica do feiticeiro. Em baixo da meza ardiam duas vellas de cera, esbatendo uma claridade amarella no semblante resignado de Santo Antonio, que *jazia* deitado no soalho, sobre o flanco esquerdo. E alli permaneceria até que se reatasse o casamento do Felisberto, que a Maria bugra e o João africano haviam desmanchado.

—«E havia de se reatar», porque tio Chico o queria. Para isso elle mandara o Felisberto arranjar um objecto qualquer que fôsse do uzo da moça. Então *haviam de ver* de que lado a corda rebentaria, pois seo responso não lhe enganava; duas vezes ja o tinha consultado e as *cousas iam bôas*.

IV

Sol em agonia, pestanejamento indeciso de palpebras cansadas.

A soledade! Soledade em toda a natureza. Hora de quie-

titude, de recolhimento intimo, de romaria das lagrimas ao passado. Ao longe o velho sino da egreja da villa soluça plangentemente Ave Maria, n'um bam...bam...bam... rythmico de canto sagrado. As cabeças se descobrem e os labios ciciam ante o esquife do occaso, onde o Sol desapparece, amortalhado.

Tio Chico, depois da oraçao, ergueo-se em direçao á porta que dava para a encruzilhada, espraiou a vista pela vastidão exuberante das grandes cochilhas que se estendiam á sua frente, sentou-se ao portal, quietou-se em profunda meditaçao. Como que n'aquelle momento todo o seo passado inutil, toda uma vida de aventuras diabolicas, lhe apparecia, toldada de arrependimento, espinhosada de remorsos—dos muitos maleficios que já distribuira pelo mundo.

Subito, como se estivesse vendo diante de si o espetro macabro d'essa lembrança, ergueo-se esfregando os olhos soffregamente e encaminhou-se para a encruzilhada cantarolando uma velha trova, muito em voga no seo tempo :

Ella partio e me deixou,
Ella foi commigo ingrata,
Levou tudo quanto eu tinha,
Por isso choro sua falta.
Ella partio e me deixou,
Ella foi commigo ingrata.

Estrellas pestanejavam no céo azul.

Ao chegar á beira da estrada, tio Chico estacou ante um cavalleiro.

—«Boas noites, tio Chico».

—«Quem é ?»

—«Sou eu, tio Chico, o Felisberto.»

—«Oh Felisberto, quasi que não te conhecia, com um poncho tão grande ; vamos chegar.»

—«Mecê parece que ia p'ra villa ?»

—«Não, vim até aqui dar um passeio, esparecer um pouco.

Então Felizberto, arranjou a *cousa* ?»

—«Arranjei, nhor sim: paguei para a Sabina, que foi escrava da casa, mecê conhece, e ella me arranjou um pouco de cabello. Não sei se servirá».

—«Hade servir !... Está muito bom... agora vamos lá para a botica.»

Assim chamava tio Chico ao laboratorio de suas *mandracas*. Ergueo Santo Antonio, collocou o cabello embaixo da imagem.

— «Agora Felizberto, você leve esta caixinha com pó, e veja se a Sabina faz a menina tomar um pouco... Isto não faz mal... Sem ella saber... No café, no matte...»

Bem ; tem mais esta agulha que você mesmo fará passar no vestido d'ella ; não vá se espantar que é venenosa.»

— «Mas, como eu posso fazer isso tio Chico ?»

— «Muito bem : Sabbado ha reza na casa do Faustininho, e ella vae, então ahi é occasião. Quando se quer e se precisa, tudo se realisa, diz o velho *adagio*. Ora pois, faça isso que lhe digo e deixe o resto cá para o velho ; porque muito logo *havemos* de comer os doces ; meo responso nunca mentio ; hoje vou tornar a falar com elle.»

E se foram para junto do fogo.

Palestraram sobre o corte da herva que o Pedro Mascate estava fazendo no herval do fallecido Ludogerio, e que era fora de tempo, que estava estragando ; pois a herva agora começava a brotar.

— «Isso é *malvadeza*; o *espector* ja recebeo queixa e com certeza...»

— «O' de casa, tio Chico !» gritou uma voz do portão da mangueira.

— «Seja bem vindo ; mecê entre.»

— «Sou eu, tio Chico.» E assomou á entrada o vulto desempenado do Zéca Duarte, comadre do velho Vadô.

— «Oh ! nho Zéca, mecê por aqui a esta hora... Que novas lhe trazem ?... vá sentando por ahi... Mas o que lhe traz por estas alturas ?...»

— «Saudades de tio Chico...»

Tio Chico sacudio o corpo todo n'uma gargalhada franca e ruidosa, como só elle sabia dar, e offereceo um *chimarrão*.

— «Mas, nho Zéca, eu estou *anciado* por saber a que vem a sua visita... A' alguma *cousa* mecê vem... Será alguma *parelhinha* que vae *atar* e precisa do velho para arrumar a *raia* ; ou algum amorsinho novo que não quer se ageitar ?...»

— «Nada disso, tio Chico ; é *cousa* mais seria e de que só mecê nos poderá livrar.»

Tio Chico, a principio o fitou com um olhar cavo e inquieto, onde se lia a astucia prescutadora de quem vae ouvir uma revelação criminosa.

— «Só eu poderei livrar...» repetio elle pausadamente, como quem autopsia uma phrase em syllabas.

— «Como se entende isso, nho Zéca ?»

— «Eu lhe conto, tio Chico.»

E desfiou o rozario das attribulações porque estava passando o velho Vadò,

—«E só mecê poderá livrar o compadre d'aquelles maos espiritos que andam por lá fazendo rumor».

Como depois de um pesadelo, a respiração de tio Chico foi larga, as narinas se dilataram para acompanhar os labios nas gargalhadas que então succederam a esse momento tragico de indecisão.

—«Mas, nho Zéca, ha muito tempo que *ae* isso por lá ?»

—«*Nhor sim ; ha um ror de tempo.*»

—«Está direito.» Pensou um instante ; e, depois, como quem tem certeza do bom exito da empreza :

—«Não ha de ser nada ; eu vou conversar com o meo responso e amanhã *imo* ver isso de perto.»

Ainda palestraram por algum tempo em roda do fogo, fumando, chuchurreando o *chimarrão*. Ja passavam das onze horas quando tio Chico enterrou na cinza o guarda-fogo, que é o modo diplomatico do caipira convidar o hospede para se ir acommodar na cama, feita de cipós entrelaçados.

V

Os gallos, empoleirados, annunciavam a approximação triumphal do dia com os seos festivos—tatá... tatá... có... có... có... ó... alegres e prolongados, e o dia avançava destruindo a indecisão das ultimas sombras de uma noite que desapparece.

O' madrugadas esplendidias, brancas e voluptuosas, parecias feitas de risos de creanças e beijos de boca soberbamente amada !

Tio Chico chuchurreava os ultimos goles do *chimarrão*, batendo com a mão espalmada na *cuia* grogrolejante, n'um desconsolo de vasia.

—«Vamos indo, nho Zéca... Felizberto, você fica ?

—«*Nhor não, vou até a villa.*»

—«Então, *vamo* indo que eu ainda quero voltar cedo.»

E poseram-se a caminho. Os animaes mastigavam o freio, alegres, espichando o pescoço, dilatando as narinas, arregaçando uns beiços grossos para aurirem o ar fresco e sadio da madrugada. Quando entraram na Restinga Grande, que fica antes da villa, tio Chico apeou-se para apanhar umas folhas esguias e espinhosas de juhá do matto, que, ha muito, procurava para preparar uma *mensinha*.

— «Isto é muito bom, é um remedio santo para dôres de cabeça e caibras de sangue» disse tio Chico mostrando aos seos companheiros as folhas esguias de juhá do matto.

E continuaram a marcha. Não demorariam muito para chegar á villa ; era só o tempo de pitar um cigarro.

— «Home, vocês não tomam tabaco ?» disse tio Chico exabrupto aos companheiros, como pensando surprehender n'elles um grande desejo insatisfeito ; e, apresentando a caixinha de rapé :

— «Olhe que este é bom ; veio de Coritiba.»

— «Nhor não ; isso faz a gente espirrar muito. Um cigarinho é *mior*,» disse o Zéca Duarte com approvação do Felizberto, que sacudio a cabeça automaticamente.

E continuaram a prosa. Tio Chico apresentava as vantagens do tabaco sobre o cigarro e os prejuizos d'este para as *molestias* do peito ; até que a villa appareceo branca na sua esplendida collina, de repente, por entre as ultimas ramagens falhas da Restinga, como uma payzagem phantastica, vista atravez do cosmorama de um sonho.

— «Agora, Felizberto, nós *se apartemo* aqui, e se você podesse sexta-feira lá em casa.»

— «Nhor sim.»

— «Então, até sexta-feira, se Deos quizer.»

— «Deos lhe acompanhe.»

Tio Chico seguiu com o Zéca Duarte para a casa do velho Vadò, que os esperava n'uma anciedade de duvida, no portão da mangueira.

— «Bons dias, seo Vadò, *você* como vae e toda a sua familia ?» disse o tio Chico apeando-se do lubuno, unico animal que lhe restava de uma tropilha que comprara no Sul.

— «Nos vamos indo como Deos é servido e a Virgem Santissima. Va entrando, tio Chico ; deixe o animal que o compadre Zéca manda pôr na soga e manear.»

Uma vez sentados na cosinha, o velho Vadò começou de explicar a tio Chico os phenomenos espiritas que o punham em alvoroço.

— «Ultimamente se tem reproduzido mais vezes. Quasi todas as noites ha barulho, principalmente no quarto grande onde morreo uma tia velha que foi de meo fallecido pae. Quebram a louça, derrubam bancos, e, quando se vae ver, no forro da casa dão uma gargalhada medonha, como se fosse uma suindara que estivesse alli. Não se pode viver mais n'esta casa ; está mal assombrada. Eu tenho ficado mais velho que realmente sou. A Josepha, coitada ! vive sempre chorando, agarrada aos net-

tos ; tem medo que sejam bruchas e que levem alguns d'elles. Então, o compadre Zéca lembrou que tio Chico... podia nos livrar d'isto ; tem viajado muito, ha de saber alguma cousa que possa acabar com esta penitencia.»

Tio Chico, de pernas traçadas, o queixo apoiado a uma das mãos, escutava com a gravidade que a revelação phantasmagorica exigia.

A's vezes, como se comprehendesse a causa d'aquillo tudo, como se tivesse certeza do bom exito da empreza, deixava escorregar por entre a espessura florestal das barbas brancas um brando sorriso de triumpho ; depois, destraçando as pernas, aprumando o busto, distendendo os braços seccos, n'um espreguiçamento de lombeira, ergueo-se.

—«Não ha de ser nada, não ha de ser nada ; eu vou fazer um serviço, para depois ver se as almas do outro mundo ainda fazem barulho. Fé em Deos Noso Senhor Jesus Christo que tudo se faz. Vou mande pedir a seo *vigario* um pouco de agoa benta, e uma vela que haja servido na missa de Nossa Senhora, um pouco de insenço, e um raminho de alecrim e arruda.»

O velho Vadò, com a esperança de que a paz voltasse de novo aos seos lares, foi em pessoa falar com *seo vigario* para obter tudo que tio Chico precisava ; e, com pouca demora, voltou com as disposições do velho feiticeiro todas cumpridas.

lam dar começo ao exorcismo. Tio Chico, com a solennidade de um padre *recommendando* um defunto, aspergia agoa benta por todos os cantos da casa, monosyllabando palavras, ora calmo, ora energico, como um CUMPRA-SE de repartição publica.

O velho Vadò, cabisbaixo, acompanhava-o com um caco de telha, onde ardiam insenço e arruda, defumando os logares bensidos pelo feiticeiro.

A familia do velho Vadò, que assistia a ceremonia de satanismo, estava tremula, pallida de pavor.

Depois de percorrerem toda a casa, tio Chico, escarrando a um canto, pronunciou a sentença deffinitiva :

—«Almas, voltae para o ceo ; espiritos maos, ide para as profundezas.»

E mandou cavar um buraco junto á porta do quintal para enterrar o resto de agoa benta e insenço.

Depois, benzeo o velho Vadò e a familia, bebeo meio quartilho de vinho branco, por causa de uma especie de *delirium tremens* que ataca o exorcimista depois de taes operações ; porque todo o maleficio que estiver no corpo da pessoa bensida passa para o do bensedor.

Ainda palestraram por muito tempo. Quando o dia começava de fechar a grande palpebra cançada de luz, tio Chico seguiu para casa pela solitaria estrada da Restinga Grande, vergado sobre o lombo do *lubuno*, modulando, à meia voz, um canto enternecido, cheio de saudade :

Ae, minha vida d'outrora,
Ae, meos queridos amores,
Tudo, tudo foi-se embora,
So me ficaram as dores.
Ae, minha vida d'outrora,
Ae, meos queridos amores!...

A's vezes interrompia o canto e quedava-se n'uma lucta interna de recordações, que não procuraremos indagar, porque ha dores intimas que não se revelam.

VI

A casa do velho Vadò depois do bensimento, voltou ao primitivo estado de tranquillidade e de paz ; nem o ruido trefego dos camondongos, quebrava a religiosidade d'aquelle silencio.

Voltaram os serões á roda do fogo, onde o velho Vadò conta va á familia os episodios da sua mocidade. Só não voltaram mais as historias de almas do outro mundo.

E creio que o Felizberto, graças ás *mandracas* de tio Chico, está casado, gosando a lua de mel de abelhas entre um sorriso de amor e um beijo de gratidão.

JULIO PERNETTA.

MYSTICISMO

Jerusalém, a cidade deicida, dorme profundamente. E' n'aquelle somno placido e sombrio que está a vida da grande cidade. E, facto singular, Jerusalém não sabe quando acorda, pois o seo despertar parece-se com a continuaçao de um somno não perturbado nem pelas projecções phantasticas do sonho, nem pelos encantos das enluaradas noites de Nigan.

E, quando a tantas vezes secular cidade acorda, para ficar n'um estado estremunhado e inanime, bruxuleia no ar os restos da sua alma debilitada e enfraquecida por seculos e seculos de devassidão.

E a grande Jerusalém recáhe na prostração em que a mergulham os crimes do seo passado...

Até o seo luar não tem poesia ;—de uma claridade mortiça, branqueia os caminhos arenosos, esboçando no chão, onde formam-se as sombras dos olivedos e tamareiras,—phantasmas esguios e lugubres.

Só tem poesia e encanta o caminho que conduz á Bethania.

E' um sublime mysterio que se prende á vida de Jesus. Não demora longe de Jerusalém a alegre cidade, patria de Lazaro.

Pelas noites enluaradas, quando a Jerusalém nostalgica tem cahido na catalepsia do seo somno enrigicido,—dois vultos descem pelo alvacente e poetico caminho da Bethania...

Cobertos de uma stringe alva como o luar calmo da Judéa e ponteada de fulgurações de estrellas, elles parecem viver na nevrose santissima de um amor mystico.

Homens que faziam parte de uma caravana retardada no caminho da Bethania a Jerusalém, deram minuciosas informações acerca d'aquella extranha apparição.

Disseram que é um mancebo de mediana estatura, porte magistoso, cabellos pretos e amarellados a cahirem-lhe pelos hombros ;—e uma mulher de extraordinaria belleza, de seios tumidos e arfantes, labios rozados e sensuaes, formas esbeltas e provocantes, e de cabellos bastos, mais finos que os linhos de Tyro, e mais dourados que as plumas fecundas dos trigaes.

E desse dia em diante, na soturna Jerusalém ouve-se, como o murmúrio plangente do Genesareth, vózes de judias morenas e sensuas, que repetem as informações dos homens da caravana. E é roçando as faces avelludadas e quentes, que ellas segredam, umas ás outras, que são as almas de Jesus e Magdalena que ás horas de luar vêm viver das recordações dos seos amores.

E o que ainda dá uns tons de animação á cidade deicida, são as almas do humilde operario de Nazareth e de Magdalena,—a Galiléa loura.

ROMARIO MARTINS.



HYPNOTISME

Par les yeux solennels du vaisseau, les sabords,
Sur la mer et le ciel ouvrant leurs insomnies,
Le passager peut voir les vagues infinies
Par delà l'horizon chercher en vain leurs bords.

Dans tes yeux transparents je vois ton âme bleue,
Mon enfant, dérouler son azur expansif,
Où passent, sous un ciel monotone et pensif,
Des vagues que le vent pousse de lieue en lieue.

Le nostalgique appel des vierges horizons
Vers l'inconnu m'attire et m'invite au voyage ;
— Vers l'inconnu du gouffre où gronde un grand naufrage
Ou vers l'or inconquis des magiques toisons,

Qu'importe ? Ivre d'espace et de houle athlétique,
Bercé par les roulis de ta puissante chair,
Oeil contre œil, en tes yeux je regarde la mer
Sans borne et les flots bleus de ton cœur pacifique.

IWAN GILKIN.

PSYCHOLOGIE

Je suis un médecin qui dissèque les âmes,
 Penchant mon front fiévreux sur les corruptions,
 Les vices, les péchés et les perversions
 De l'instinct primitif en appétits infâmes.

Sur le marbre, le ventre ouvert, hommes et femmes
 Etaient salement dans leurs contorsions
 Les ulcères cachés des noires passions.
 J'ai palpé les secrets douloureux des grands drames.

Puis, les deux bras encor teints d'un sang scrofuleux,
 Poète, j'ai noté dans mes vers scrupuleux
 Ce que mes yeux aigus ont vu dans ces ténèbres.

Et s'il manque un sujet au couteau disséqueur,
 Je m'étends à mon tour sur les dalles funèbres
 Et j'enfonce en criant le scalpel dans mon cœur.

IWAN GILKIN

OPHÉLIA

Oh ! blanche Ophélia, la rêveuse épousée
 Qu'attend toujours Hamlet dans la froideur des marbres...
 — Que sont vieilles les eaux, comme sont vieux les arbres,
 Qui t'ont vue au courant des ondes balancée,

Plus pâle que l'aurore et de fleurs couronnée.
 Lentement tu voguais sous l'ombrage des arbres
 Et ton corps était blanc de la blancheur des marbres
 Et ton visage doux comme une matinée.

Ophélia ! le cœur d'Hamlet palpite encor
 Pour toi dans la noirceur des tombes glaciales,
 À jamais il t'attend pour les nuits nuptiales.

Ombres, Spectres, fuyez ! Que veut dire la Mort
 Si l'Amour est divin, les Ames immortelles ?
 Au ciel les passions deviendront éternelles !

JEAN ITIBERÈ.

Collaboradores :

Alfredo Munhoz—Dr. Azevedo Macedo—Dr. Carvalho de Mendonça — Dr. Claudino dos Santos—Dr. Costa Carvalho—Custodio Raposo—Dr. Camillo Vanzolini—Chichorro Junior—Domingos Nascimento—Ernesto Luiz de Oliveira—Emiliano Pernetta—Emilio de Menezes—Dr. Francisco Gonçalves Junior—Dr. Franco Grillo—João Itiberê—João Keating—Dr. João Pereira Lagos—Dr. Justiniano de Mello—Leoncio Correia—Luiz D. Cleve—Padre Alberto Gonçalves—Romario Martins—Rocha Pombo—Santa Rita—Serafim do Nascimento—Dr. Saldanha Sobrinho—Dr. Trajano Joaquim dos Reis—Dr. Vicente Machado—Dr. Victor do Amaral.

Directores :

Dario Vellozo, Silveira Netto, Julio Pernetta e Antonio Braga.

EXPEDIENTE

O Cenaculo acceita com prazer a collaboração dos estudiosos honestos.

Os artigos anonymos não serão publicados.

Os artigos não publicados não serão restituídos.

Toda e qualquer correspondencia deve ser endereçada para a rua **Silva Jardim, n. 108.**

E' agente, n'esta Capital, o Sr. Annibal Requião — **Livraria Economica**—Rua Quinze de Novembro, n. 67

Não ha assignaturas.

Preço do fasciculo : 1 \$000